



LEVANTAMENTO FLORÍSTICO DA MATA CILIAR DO CÓRREGO DOS ANTUNES, MUNICÍPIO DE JAU, SP.

Schlittler, F.H.M.

Buoro, M.A.

Departamento de Ecologia, Instituto de Biociências, Campus de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista, UNESP. Caixa Postal 199-13506900-flaviosc@rc.unesp.br

INTRODUÇÃO

A destruição da vegetação ciliar tem as seguintes conseqüências: a erosão do solo aumenta; a camada biologicamente ativa do solo é perdida; ocorre assoreamento de rios, córregos e reservatórios, além do aumento da frequência e das cotas atingidas pelas inundações sazonais e perda da biodiversidade local e regional. Sob o ponto de vista ecológico a zona ripária é considerada como corredor extremamente importante para o movimento da fauna e para a dispersão vegetal. Essa função ecológica é razão suficiente para justificar a necessidade da conservação da zona ripária. Além disso, a mata ciliar isola o curso d'água dos terrenos mais altos da microbacia desempenhando a função de filtragem superficial (Lima & Zakia, 2000). Apesar de sua importância ambiental as matas ciliares não foram poupadas da destruição da vegetação florestal no Sudeste Brasileiro (Rodrigues & Nave, 2000). A Secretaria do Meio Ambiente do estado de São Paulo possui um banco de áreas para recuperação florestal, destinado ao cadastramento de áreas ciliares disponíveis para recuperação. A partir destas informações a SMA fará a divulgação dessas áreas junto a empresas e pessoas físicas interessadas em investir em reflorestamento, seja como compensação ambiental, compensação voluntária por emissões de gases de efeito estufa ou mesmo como ação voluntária de responsabilidade social.

OBJETIVOS

O objetivo deste trabalho consiste no levantamento florístico da mata ciliar do córrego dos Antunes, localizado no município de Jaú (SP), para servir futuramente como fonte de informações básicas para o reflorestamento e a manutenção de sua mata ribeirinha.

MATERIAL E MÉTODOS

O córrego dos Antunes está inserido no município de Jaú e as coordenadas de sua nascente são: 22^o 22' 29" S e 48^o 30' 22" W em uma altitude de 647,4 metros. As coordenadas de sua foz (encontro com o rio Jaú) são 22^o 20' 16" S e 48^o 29' 59" W em uma altitude de 525,475 metros. Sua extensão total percorre cerca de 5 km. O córrego dos Antunes pertence a bacia hidrográfica do rio Jacaré - Pepira, do sub - sistema Paraná - Tietê. A área ciliar do córrego é muito degradada e em alguns trechos inexistente. Em todo seu curso, o entorno é formado por monocultura de cana - de - açúcar, que, em certos locais aproxima - se muito de seu leito. A formação vegetal da bacia do rio Jaú que predominava antes da intensa exploração era do tipo floresta estacional semidecidual, situada sob a influência dos solos Latossol Vermelho Distrófico, Distroférrico e Nitossolo Vermelho e entremeada por manchas de cerrado, que se situavam nas cabeceiras dos rios, em locais de ocorrência do Latossol Vermelho Amarelo, fase arenosa. Os fragmentos florestais que ainda restam, ocupam 1.660 ha e representam 2,2% dos 75.200 ha da bacia (Souza & Cremonesi, 2004). Foram coletadas amostras de partes reprodutivas ou de ramos com folhas das espécies arbóreas, aqui definidas como todo indivíduo lenhoso com DAP igual ou superior a 5 cm. Todo indivíduo, nestas condições, foi amostrado e faz parte da composição da lista florística da área estudada. As coletas foram quinzenais, realizadas no período compreendido entre os meses de abril a setembro de 2008. O material obtido foi prensado em campo, sendo posteriormente seco em estufa, até peso constante, e identificado com o auxílio de chaves, comparação em herbário ou ainda com a ajuda de especialistas. Todo o material botânico coletado foi depositado no herbário do Instituto de Biociências da UNESP, Câmpus de Rio Claro (Herbarium Rioclarense-HRCB). A lista elaborada deverá servir de base para uma futura recuperação ambiental da bacia. As espécies amostradas no presente estudo foram comparadas principalmente com espécies que foram amostradas nos trabalhos de Salis *et al.*, (1994) e Nicolini (1990), além da lista das espécies arbóreas que ocor-

rem naturalmente em matas ciliares do centro e sudoeste de São Paulo de acordo com a Resolução SMA 47/2003, ampliada e modificada pela Resolução SMA 08/2008.

RESULTADOS

Ao todo foram amostradas 41 espécies, distribuídas em 18 famílias, sendo que 3 indivíduos não foram identificados, enquanto 5 indivíduos foram identificados apenas o gênero. A família Fabaceae é a que apresenta o maior número de espécies (11 espécies), seguida por Myrtaceae (5 espécies), Bignoniaceae (3 espécies), Meliaceae (3 espécies) e Rutaceae (3 espécies), com destaque para a abundância específica de *Peschiera fuchsiaefolia* Miers, *Acácia polyphylla* DC, *Casearia sylvestris* Sw e *Guarea guidonia* (L.) Sleumer.

Quanto a distribuição por espécies, quatro das encontradas não pertencem naturalmente ao Brasil, são elas: *Mangifera indica* L., *Melia azedarach* L., *Eucalyptus grandis* Maiden e *Syzigium jambos* (L.) Auston, introduzidas devido ao interesse pelo seu fruto, por motivos paisagísticos ou pela madeira. No entanto foram encontradas espécies que estão presentes naturalmente no Brasil, mas não ocorrem naturalmente na região do estudo: *Schinus terebinthifolius* Raddi, *Jacaranda acutifolia* Bonpl, *Bixa orellana* L. e *Mimosa caesalpiniaefolia* Benth. Considerando as espécies coletadas que ocorrem naturalmente no Brasil, a maioria possui alguma relação com a umidade (preferem solos úmidos ou ocorrem em florestas pluviais), ou são indiferentes à condição do solo. Entre as espécies encontradas no presente estudo (ocorrentes naturalmente na área, de acordo com Lorenzi, 1998 e Lorenzi *et al.*, 2006) e que não foram encontradas nos estudos de Salis *et al.*, 1994), Nicolini (1990) e na Resolução SMA 47/03, ocorrem algumas espécies que possuem alta relação com a umidade e espécies que são apontadas como xerófitas (*Cybistax antispyhilitica* Mart, *Acosmium dasycarpum* (Vog.) Yakovl e *Dalbergia nigra* Benth). A possibilidade destas ocorrências na mata ciliar estudada, mas não nos demais estudos consultados, pode ser atribuída a alta degradação da mata ciliar, o que resulta em menor umidade no solo da área, gerando assim condições mais favoráveis ao seu estabelecimento. No entanto, essas espécies também foram encontradas na tabela elaborada por Rodrigues & Nave (2000), onde estão as espécies arbustivo - arbóreas encontradas em florestas ciliares no Brasil extra amazônico, em 43 trabalhos. Destaca - se *Acácia polyphylla*, que apesar de ser apontada como seletiva xerófita por Lorenzi (1998), foi também encontrada nos estudos de Salis *et al.*, 1994) e Nicolini (1990) e também é encontrada na lista da SMA de São Paulo como naturalmente ocorrente em matas ciliares do centro e sudoeste do estado. Isso significa que essa espécie pode viver em ambientes mais úmidos.

Outro fato importante consiste em que nem todas as

espécies encontradas na mata ciliar do córrego dos Antunes estão contidas na listagem elaborada pela SMA. Recomenda - se, assim, a utilização de levantamentos prévios como medida de manejo na condução de reflorestamentos em áreas naturais.

CONCLUSÃO

A mata ciliar do córrego dos Antunes possui algumas espécies que não estão presentes em áreas de matas ciliares próximas e nem mesmo na listagem da Secretaria do Meio Ambiente, preparada para as espécies de matas ciliares ocorrentes no estado de São Paulo. Desse modo pode - se afirmar que os fragmentos florestais, mesmo que submetidos a intensos processos de degradação, devem ser utilizados como reservatórios genéticos para a recuperação e estabilização do ecossistema. Sendo assim, nestes casos, e principalmente no caso das matas ciliares, torna - se imprescindível um estudo da composição florística da área antes de seu reflorestamento ou recuperação.

Agradecemos ao Prof. Dr. Marco Antonio de Assis pela ajuda na identificação das espécies.

REFERÊNCIAS

- Lima, W. de P. & Zakia, M. J. B. Hidrologia de Matas Ciliares. In Matas Ciliares: conservação e recuperação (R.R. Rodrigues, H. F. Leitão - Filho, eds.). Edusp/Fapesp. São Paulo. 2000. p.33 - 44.
- Lorenzi, H.; Árvores Brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil. 2ª ed.-Nova Odessa, SP: Editora Plantarum. 1998. Vol.1 e Vol.2
- Lorenzi, H.; Sartori, S. F.; Bacher, L. B.; Lacerda, M. T. C.; Frutas Brasileiras e Exóticas Cultivadas: (de consumo in natura). Nova Odessa: Instituto Plantarum de Estudos da Flora LTDA, 2006, 640p.
- Nicolini, E. M.; Composição Florística e Estrutura Fitossociológica do Estrato Arbóreo em Mata Mesófila Semidecídua no Município de Jahu, SP. Dissertação de mestrado. UNESP-Rio Claro, SP. 1990. 179p.
- Rodrigues, R. R. & Nave, A. G. Heterogeneidade Florística das Matas Ciliares. In Matas Ciliares: conservação e recuperação (R.R. Rodrigues, H. F. Leitão - Filho, eds.). Edusp/Fapesp. São Paulo. 2000. p.45 - 71.
- Salis, S. M.; Tamashiro, J. Y.; JOLY, C. A.; Florística e fitossociologia do estrato arbóreo de um remanescente de mata ciliar do rio Jacaré - Pepira, Brotas, SP. Revta Brasil. Bot., São Paulo, V.17, n.2, 93 - 103. 1994.
- Souza, A. M.; Cremonesi, F. L. Jau : Imagens de um rio. 2. ed. Piracicaba : Copiadora "Luiz de Queiroz", 2004. 79 p.